

Comércio internacional e Desenvolvimento Regional: as exportações do setor de uva no estado de Pernambuco

Maria Raíza Vicente Silva¹
Maria Gilca Pinto Xavier²

Resumo

Devido às políticas de desenvolvimento regional, implementadas desde a metade do século XX, o Vale do São Francisco experimentou, nos últimos anos, expressivo crescimento de sua fruticultura, sendo hoje um grande exportador de manga e uva, abrangendo os estados de Pernambuco e Bahia. O objetivo deste trabalho consiste em analisar a ocorrência de vantagens comparativas, na economia de Pernambuco, entre o setor de exportação de uva frente a outros setores exportadores, e sua importância no crescimento dos municípios pernambucanos da região no período entre 2010 e 2016. A concepção de vantagem comparativa aqui trabalhada compara as vantagens de diferentes produtos numa mesma região. O método utilizado para medi-la foi o cálculo do Índice de Contribuição ao Saldo Comercial, que busca identificar a especialização das exportações de uma região ou país. Para medir o crescimento econômico, foram estudados os principais indicadores socioeconômicos. Os resultados mostraram que o setor de uvas tem vantagens comparativas, e que, apesar de ter perdido espaço para outros setores exportadores do estado, permanece como importante fator de geração de crescimento da economia regional.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Vantagens Comparativas. Exportação. Uvas.

Abstract

Due to the development policies carried out since the half of the XX century, the sub-medium valley of the São Francisco has experimented an expressive growth of its fruticulture, being today a major exporter of grapes and mango, covering the states of Pernambuco and Bahia. This research aims to analyze the comparative advantages of the grapes exportation sector in Pernambuco's economy in comparison to others exportation sectors, and its importance in the development of local cities during the 2010 to 2016 period. The comparative advantage concept used here assess the advantages of different products in a same region. To achieve this, the method of choice was calculating the Trade Balance Contribution Index, which tries to identify the specialization of some region or country's exportations. To measure economic growth socioeconomic indicators were studied. The results showed that the grapes sector has comparative advantages, and despite having lost space to others exportation sectors in the state, remains as an important factor for generating growth in the regional economy.

Keywords: Regional Development. Comparative Advantage. Exportation. Grape.

¹ Mestranda em Administração e Desenvolvimento Rural na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). maria.raiza@hotmail.com

² Doutora em Desenvolvimento Urbano. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural (PADR) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). gilca.xavier@gmail.com

1 Introdução

Abrangendo municípios do sertão dos estados da Bahia e de Pernambuco, o Vale do São Francisco é hoje uma das regiões frutícolas mais importantes para a economia dos dois estados, com cerca de 90% de sua produção exportada para outros países (ARAÚJO; SILVA, 2013). Suas maiores cidades, Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), experimentaram expressivo desenvolvimento, passando, respectivamente, de um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,471 e 0,396, em 1991, para 0,697 e 0,677, em 2010, ou seja, passando de um IDHM muito baixo para médio em 19 anos, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil (2010).

Apesar de semiárida, a região do Vale do São Francisco cultiva manga e uva durante todo o ano. Isso ocorre devido a um processo histórico de políticas públicas focadas no desenvolvimento da região (ZUZA, 2008), que, dentre outras ações, implantou diversos perímetros irrigados e promoveu outros estímulos, como concessão de crédito e financiamentos para o setor agropecuário.

As articulações sociais e políticas para o desenvolvimento da região não são recentes, iniciaram-se com a criação da estatal Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), em 1945, cujo objetivo era fornecer energia elétrica para o Nordeste, e com a Constituição de 1946, que determinou que 1% do orçamento da União seria destinado à integração dos mercados internos e externos do Vale por 20 anos (ZUZA, 2008).

Nos anos seguintes, vieram os primeiros empreendimentos públicos voltados para os pequenos e médios produtores da região. Em 1948, foi criada a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), para promover o aproveitamento dos recursos naturais da região. Substituída pela Superintendência do Vale São Francisco, em 1967, e, posteriormente, denominada Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), em 1974, foi responsável pelas primeiras práticas de cultivo, fornecendo suporte técnico para produtores e comerciantes (HORA, 2014).

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) também deu grande impulso à economia local, instalando, na região, entre os anos de 1968 a 1971, os Campos Experimentais, que iniciaram trabalhos experimentais com videiras. Já em 1975, foi criado o

Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa/CPATSA), que fundamentou a base técnica para melhoria na qualidade e aumento da produção de uva na região (SOARES; LEÃO, 2009).

A tecnologia introduzida pelas organizações públicas, como a Embrapa e os Campos Experimentais da SUDENE, promoveu melhorias nas técnicas de irrigação, manejo e cultivo de novas variedades, possibilitando uma produção de melhor qualidade. Desse modo, a produção de uva e de manga ganhou destaque na região, e muitos produtores começaram a produzir safras aptas a satisfazer as exigências do mercado externo.

A política de desenvolvimento do Vale também atuou no escoamento dessa produção, com a construção da ponte Presidente Dutra, entre Petrolina e Juazeiro, o asfaltamento de rodovias e a inauguração do Aeroporto Nilo Coelho, que facilitou o envio dessa produção para fora do país. Hoje, o aeroporto é o principal modal para exportação, que também segue, pelos portos de Salvador (BA) e Pecém (CE), para os Estados Unidos e países da Europa e Ásia (JC ONLINE, 1015).

Em consequência, o comércio internacional vem provocando ganhos de escala para a região, ampliando seu crescimento econômico. Na verdade, o acesso a um mercado mais amplo pode estimular a produtividade e trazer vantagens competitivas para a economia (ARAUJO; SOARES, 2011). Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar a ocorrência de vantagem comparativa no setor de exportação de uva de Pernambuco frente a outros setores exportadores, bem como sua importância no crescimento dos municípios pernambucanos da região, no período entre 2010 e 2016. Como método, foi utilizado o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), que busca identificar a especialização das exportações de uma região ou país.

Este artigo foi dividido em cinco seções: a primeira contextualiza as principais políticas de desenvolvimento da região do Vale do São Francisco, enquanto a segunda parte traz uma revisão da literatura sobre a correlação entre o comércio internacional e o crescimento regional. A terceira seção traz o método utilizado e as fontes dos dados; já a quarta traz os resultados da pesquisa, e, por fim, a quinta seção traz as considerações finais do trabalho.

2 Revisão de literatura

Entre os séculos XVI e XVIII, o comércio internacional é marcado pelo pensamento mercantilista, que defende que o principal meio de enriquecimento das nações é a acumulação de metais preciosos, e, por isso, as importações não seriam benéficas à economia, por representarem saída de recursos, resultando em fortes medidas protecionistas (XAVIER, 2013).

Já a teoria econômica clássica surgiu nos séculos XVIII e XIX. Seus principais representantes, Adam Smith e David Ricardo, defendiam que o comércio internacional, ao contrário da visão mercantilista anterior, poderia ser benéfico para as nações. Enquanto Adam Smith se baseou no conceito de vantagens absolutas, David Ricardo desenvolveu o conceito das vantagens comparativas, que foi a base para diversas vertentes de teorias de comércio internacional. Seu pensamento baseava-se nos custos de produção dos vinhos de Portugal e tecidos da Inglaterra, levando em conta o fator mão de obra. Segundo a teoria, Portugal possuía menores custos na fabricação do vinho em relação à de tecido, enquanto a Inglaterra possuía menores custos na produção de tecidos do que na de vinhos. Isso levaria a uma especialização dos países nos produtos de maior vantagem comparativa interna (XAVIER, 2013; RICARDO, 1817).

Porém outros fatores de produção, como o protecionismo e o alto custo de transporte de mercadorias, os quais podem levar um país à autossuficiência interna, eram fatores não considerados no modelo de Ricardo. Mais tarde, surgiu a Teoria de Heckscher-Ohlin, que difere do modelo de Ricardo em dois pontos principais: os dois únicos fatores de produção eram o capital e o trabalho, e as tecnologias de produção dos dois países da transação eram iguais (KOSHIYAMA, 2008). Nesse modelo, o comércio internacional se desenvolvia devido às diferenças de recursos entre os países, ou seja, o país tende a exportar o fator de produção mais abundante e importar as mercadorias cujo fator de produção é menos abundante (KRUGMAN; OBSTELD, 2005).

Ao considerar que a concorrência é perfeita, as tecnologias são constantes e por não levar em conta as economias de escala, essas teorias não conseguem explicar o mercado atual. Esses fatores foram abordados por Michael Porter, cuja teoria diz que por intermédio da vantagem competitiva as empresas e países melhoram a qualidade dos fatores e

umentam a produtividade. O aspecto qualitativo é mais importante que o quantitativo (PORTER, 1993).

Ao estudar as relações entre duas regiões, devemos ainda clarear as diferenças entre competitividade e vantagens comparativas. Lafay (1990 *apud* XAVIER, 2013) diz que a primeira compara os custos de um mesmo produto em diferentes mercados, enquanto a última compara diferentes produtos numa mesma região.

Com base nos estudos de David Ricardo, Balassa foi um dos escritores que mais contribuíram na elaboração de índices mais precisos acerca do tema, afirmando que o mercado externo seria capaz de revelar as vantagens comparativas de uma região. Para ele, quanto melhor o desempenho de uma região no mercado mundial maiores as suas vantagens comparativas. Assim, em 1965, propôs o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), que buscava identificar em quais produtos os países ou estados possuíam vantagem comparativa (XAVIER, 2013). Do mesmo modo, Lafay propôs, em 1990, o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), que propunha identificar a especialização das exportações de uma região (SILVA *et al.*, 2016).

A relação causal entre comércio internacional e crescimento econômico ainda não é um consenso pelos pesquisadores, tendo em vista que o contrário também pode ocorrer. Para Metzdorff (2015), países com maior atividade externa conseguem maiores ganhos e, consecutivamente, exibem maior crescimento. Para Guan e Hong (2012, *apud* METZDORFF, 2015), existe uma relação bidirecional entre exportações e PIB, mas não entre importações e PIB, ou seja, as exportações podem gerar crescimento econômico, mas a restrição das importações não tem o mesmo efeito.

Uma das primeiras teorias correlacionando comércio internacional e crescimento regional foi a Teoria da Base Exportadora, segundo a qual produto e emprego regionais crescem com a demanda pelas exportações dessa região. Nela, o crescimento não decorre somente das vendas diretas. O crescimento das exportações gera um aumento da renda, resultando num aumento adicional das demandas locais, o que, por consequência, leva a um crescimento adicional na renda regional. Porém essa teoria recebeu críticas, por pressupor que é a exportação que impulsiona as atividades do mercado interno e por não explicar o crescimento econômico quando a região se industrializa e cresce de tamanho (KOSHIYAMA, 2008).

A Teoria de Base Exportadora tem mais influência em pequenas economias regionais, dominadas por poucos setores, e é válida em um curto prazo. Em regiões maiores e de economia diversificada, os setores não exportadores são mais importantes para o crescimento regional, pois seriam os que influenciam os tipos de indústria que a região atrai (KOSHIYAMA, 2008). Porém, apesar de ser válida em economias menores, é importante salientar que, sem determinados serviços e uma infraestrutura urbana e logística básica, não é possível desenvolver nenhuma atividade de exportação.

3 Metodologia

Para medir a vantagem comparativa do setor da uva em relação aos outros setores exportadores, na economia de Pernambuco, será utilizado o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) proposto por Lafay, em 1990 (apud GONÇALVES; PAULILLO, 2016), que compara a balança comercial de um produto com o saldo comercial teórico desse mesmo produto. O índice é obtido de acordo com a equação abaixo:

$$ICSS = \left\{ \frac{100}{\frac{(Xg + Mg)}{2}} \right\} \left\{ [(Xv - Mv) - (Xg - Mg)] \frac{(Xv + Mv)}{(Xg + Mg)} \right\}$$

Em que:

ICSC é o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial;

Xv é a exportação de um produto i numa região;

Mv é a importação de um produto i numa região;

Xg é exportação total da região;

e Mg é a importação total da região.

O primeiro termo da equação, entre colchetes, representa a balança comercial da uva (produto i), enquanto o segundo termo representa a balança comercial teórica. Quando o saldo comercial é maior que o saldo comercial teórico (ICSC>0), o produto possui

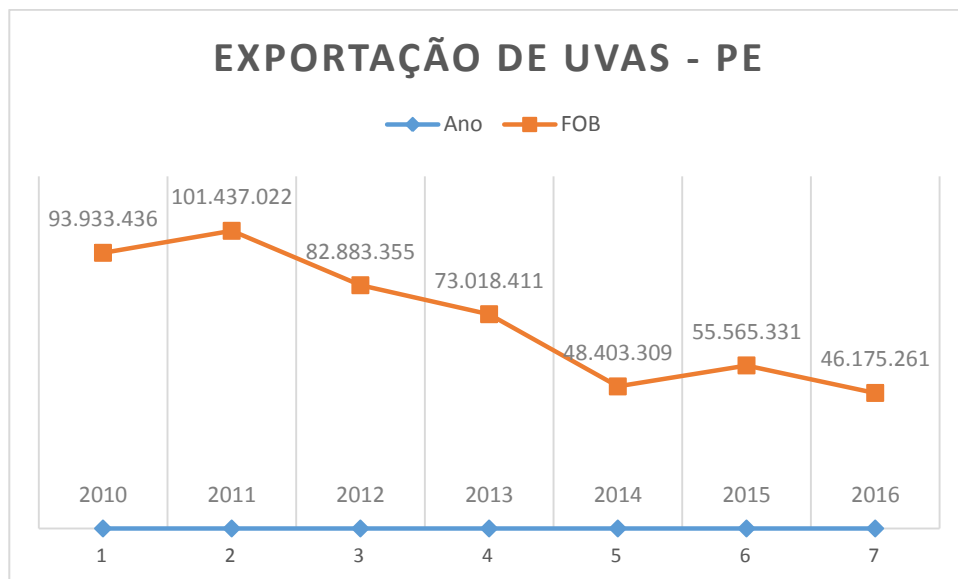
vantagem comparativa revelada, caso contrário, para valores negativos ($ICSC < 0$), o produto apresenta desvantagem (SOARES; SILVA, 2013).

Em relação aos dados utilizados, a exportação de uva e a exportação total do estado de Pernambuco foram coletadas no Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE Web) em valores *Free on Board* (FOB), e a coleta abrangeu o período de 2010 a 2016. Os dados referentes ao setor de frutas frescas são representados na Nomenclatura Comum do Sul (NCM) pelo código 080610, e a periodicidade das variáveis é anual.

Para medir o crescimento econômico regional, foram utilizadas as variáveis Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) para as cidades pernambucanas de Petrolina, Lagoa Grande, Santa Maria e Orocó. O IDHM é um indicador socioeconômico que leva em consideração, no seu cálculo, três dimensões: longevidade, educação e renda (ATLAS, 2010). Os dados do PIB *per capita* se referem aos anos de 2010 e 2014 e foram coletados no IBGE Cidades, enquanto os valores do IDHM se referem aos anos de 2000 e 2010 e foram coletados no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

4 Análise dos resultados

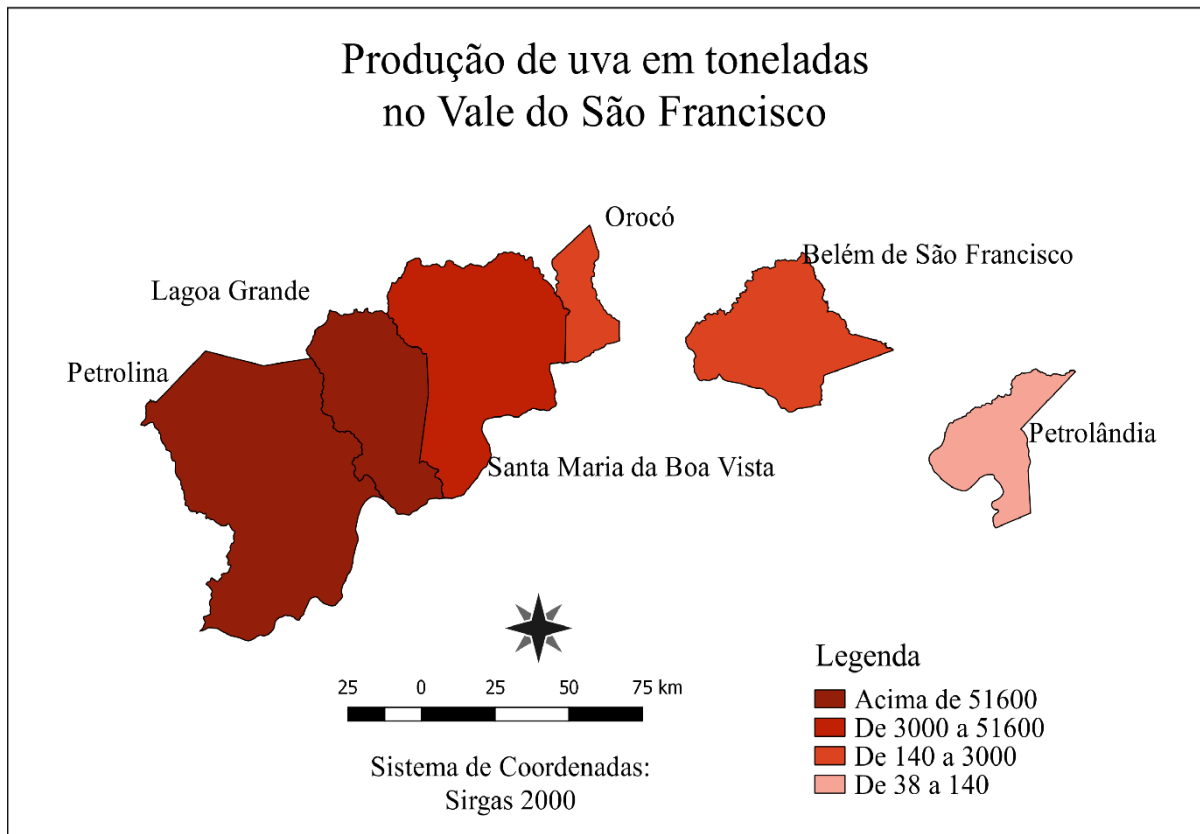
No período estudado, a exportação de uvas pernambucanas teve forte queda, atingindo seu pico em 2011 e caindo para menos da metade em 2016, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Exportação de Uvas – PE

Fonte: Elaborado pelos autores. Dados: AliceWeb (2017).

Dentre as variedades cultivadas no perímetro irrigado da região do Vale do São Francisco, estão a Benitaka, Benitaka Brasil, Itália comum, Itália melhorada, Patrícia, Ribier, Red Globe, Crimssom, Festival e Thompsom (EMBRAPA, 2014). Os principais produtores são os municípios de Petrolina e Lagoa Grande, o primeiro com uma produção de 162448 toneladas, e o segundo, com 51600 t. O terceiro maior produtor da região é Santa Maria da Boa Vista, com 9756 t, seguido de Belém do São Francisco, com 200 t, e Orocó, com 140 t. A menor produção da região vem do município de Petrolândia, com 125 toneladas. As faixas de classificação da produção de uva do IBGE podem ser visualizadas na Figura 1 abaixo.

Figura 1 - Produção de uva nos municípios pernambucanos do Vale do São Francisco em 2015



Fonte: Elaborado pelos autores, com base em dados de IBGE Cidades (2017).

Para identificar se o setor de uvas teve vantagem comparativa em relação aos outros setores de exportação do estado de Pernambuco, foi calculado o Índice de Contribuição para o Saldo Comercial. Na tabela 1, percebe-se que todos os valores deram positivo, indicando que o setor de uvas possui destaque na economia pernambucana, com vantagem comparativa em relação a outros setores exportadores. Porém se percebe que o ICSC apresentou considerável queda no período estudado, passando de 2,21, em 2010, para 0,56, em 2016, indicando que o setor diminuiu suas exportações pernambucanas ao longo do período, embora permaneça com vantagens comparativas em relação a outros setores exportadores.

Tabela 1 - Índice de Contribuição para o Saldo Comercial (ICSC)

ANO	ICSC
2010	2,21
2011	2,00
2012	0,72
2013	0,47
2014	0,46
2015	0,62
2016	0,56

Fonte: Elaborada pelos autores. Dados: AliceWeb (2017).

Segundo Isabella Ornellas (2014), essa queda ocorreu porque o valor da fruta no mercado interno estava mais atrativo do que o do mercado externo. Com o dólar baixo, o preço praticado no Brasil era bem parecido com o praticado fora, e, como exportar envolve vários riscos, os produtores preferiram vender a produção dentro do país. A região Sudeste é a maior consumidora de uvas de mesa, absorvendo cerca de 46% da produção nacional e tendo o estado de São Paulo como principal mercado consumidor. Já a Nordeste, apesar de ser uma importante região produtora, corresponde a apenas 23,7% do consumo nacional (EMBRAPA, 2010).

O período entre 2014 e 2015 também experimentou uma queda na produção, gerando, conseqüentemente, uma diminuição dos valores exportados. Edis Matsumoto, em entrevista ao jornal G1 Petrolina (2014), apontou como principal causa dessa diminuição da produção uma baixa na fertilidade das plantas, devido ao clima do ciclo anterior, o que ocasionou uma diminuição de cachos. Já Freddo (2015) pontua o aumento nos juros das linhas de crédito, o que dificultou o custeio da safra pelos viticultores da região.

Mas, já no segundo semestre de 2016, os produtores começaram a esperar uma melhora nas exportações. A alta do dólar em relação aos últimos quatro anos e a qualidade das frutas, com uma maior concentração de brix, que a faz mais doce, dão preferência aos consumidores de fora. O preço médio de uma caixa de 5kg da variedade Seibel, cujo sabor é bastante apreciado pelos europeus, pode sair por até 10 euros, tornando a exportação mais vantajosa para o produtor (G1 PETROLINA, 2016).

O crescimento do PIB *per capita* dos municípios produtores indica que a economia da região também cresceu nos últimos anos. Na Tabela 2, nota-se que a maior alteração

positiva de PIB *per capita* ocorreu em Petrolina, sendo ela a maior cidade pernambucana da região. O crescimento menos expressivo nesse indicador foi o do município de Orocó. Outro dado que chama atenção é o do município de Petrolândia, que, ao contrário dos outros, teve uma queda em seu PIB per capita, mas, mesmo assim, continuou com o maior índice entre os municípios.

Tabela 2 Produto Interno Bruto per capita (R\$)

Produto Interno Bruto <i>per capita</i> (R\$)						
PIB	Petrolina	Lagoa Grande	Santa Maria	Orocó	Belém do São Francisco	Petrolândia
2010	11.677,58	7.982,39	7.232,83	8.512,36	4.932,80	28.700,80
2014	16.043,56	11.853,39	11.130,02	10.574,72	7.936,93	16.595,53

Fonte: Elaborado pelos autores. Dados: IBGE Cidades.

Ao analisar o IDHM, indicador socioeconômico que leva em consideração aspectos como a longevidade, educação e renda, percebe-se que houve significativa mudança na qualidade de vida dos municípios da região. Na Tabela 3, pode-se notar que, no ano 2000, as cidades de Lagoa Grande, Santa Maria, Orocó e Belém do São Francisco possuíam IDHM Muito Baixo, enquanto Petrolina e Petrolândia IDHM Baixo.

Tabela 3 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal						
IDHM	Petrolina	Lagoa Grande	Santa Maria	Orocó	Belém do São Francisco	Petrolândia
2000	0,580	0,441	0,468	0,474	0,482	0,527
2010	0,697	0,597	0,590	0,610	0,642	0,623

Fonte: Elaborado pelos autores. Dados: Atlas (2010).

Num espaço de tempo de dez anos, o IDHM das cidades evoluiu; enquanto Lagoa Grande e Santa Maria ficaram na faixa Baixo, todas as outras passaram para a faixa Médio, sendo que está bem próximo de Petrolina passar para a próxima faixa.

5 Considerações finais

A história da fruticultura no Vale do São Francisco mostra que, por meio de articulações entre governo e sociedade, é possível vencer barreiras geográficas e históricas, como a seca, e fazer prosperar uma região. O desenvolvimento da uva nesse polo mostrou-se importante não só para a economia local, mas para toda a economia do estado de Pernambuco.

A política de Desenvolvimento Regional, iniciada ainda na década de 40, e que, ao longo dos anos, envolveu ações de investimento em inovações tecnológicas, de implementação de órgãos técnicos e de articulação com empresas privadas, além de melhorias de infraestrutura e concessão de créditos e financiamentos, possibilitou o florescimento da região, seu desenvolvimento social e econômico, tornando-a um polo de expressividade econômica dentro da economia de Pernambuco.

A pesquisa mostrou um Índice de Contribuição para Saldo do Comércio positivo em todo o período estudado, e revelou que o setor de exportação de uvas frescas tem vantagens comparativas em relação a outros setores exportadores do mercado pernambucano, ou seja, é um setor de expressividade dentro da economia do estado, e que, portanto, não deve ser negligenciado pelo poder público. Apesar disso, houve uma expressiva diminuição nas exportações nos últimos anos, consequência de uma taxa cambial pouco atrativa frente aos riscos de exportação, mostrando as influências do câmbio nas transações comerciais entre países. Porém, a alta do dólar tem aumentado o interesse do produtor em voltar a exportar.

Na economia, percebe-se o crescimento no PIB per capita em todas as cidades da região, com destaque para Petrolina, a maior economia entre os municípios pernambucanos do Vale do São Francisco. A pesquisa também mostrou a melhoria da qualidade de vida em todas as cidades da região estudada, medida pelo IDHM, que apresentou variações positivas nesse mesmo período.

Referências

ARAUJO, R. A., SOARES, C. *Export Led Growth' x 'Growth Led Exports': What Matters for the Brazilian Growth Experience after Trade Liberalization?* Munich Personal RePEc Archive. 2011. Disponível em: <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/30562/1/MPRA_paper_30562.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

ATLAS de Desenvolvimento Humano do Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

EMBRAPA. *Levantamento dados de produção: culturas anuais, semi-perenes e perenes*. 2014.

EMBRAPA. *Cultivo da Videira*. 2015. Disponível em: <http://www.cpatia.embrapa.br:8080/sistema_producao/spuva/comercializacao.html>. Acesso em: 20 mar. 2017.

FREDDO, Ana Rita Lopes Farias. *Conjuntura Mensal Uva e Derivados*. CONAB. 2015. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/15_07_21_15_08_17_>. Acesso em: 20 mar. 2017

G1 PETROLINA. *Exportações de Frutas no Vale São Francisco sofrem queda em 2014*. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2014/11/exportacoes-de-frutas-no-vale-do-sao-francisco-sofrem-queda-em-2014.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

_____. *Produtores do Vale do São Francisco esperam alta na exportação de frutas*. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/petrolinaregiao/noticia/2016/08/produtores-do-vale-do-sao-francisco-esperam-alta-na-exportacao-de-frutas.html>>. Acesso em 20 mar. 2017.

GONÇALVES, K. P. dos A.; PAULILLO, L. F. DE O. e. Competitividade do Agronegócio nos Estados Brasileiros: Evolução de Indicadores de Comércio Internacional entre 1997 e 2014. *Anais do 54º Congresso da Sociedade de Economia, Administração e Sociologia Rural*. João Pessoa, 2016.

HORA, G. B. *Análise do processo de inovação no APL da vitivinicultura do Vale do Submédio São Francisco*. 2001-2012. Recife, 2014.

JC ONLINE. *Porto de Suape tenta atrair exportação de frutas do Vale do São Francisco*. 2015. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2015/10/10/porto-de-suape-tenta-atrair-exportacao-de-frutas-do-vale-do-sao-francisco-203093.php>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M. *Economía Internacional*. 7. ed. Madrid: Pearson Addison Wesley, 2005.

ORNELLAS, Isabella. *Vale do São Francisco deve sofrer retração nas exportações*. G1 Petrolina. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2014/09/vale-do-sao-francisco-deve-sofrer-retracao-nas-exportacoes-de-frutas.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PORTER, M. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

RICARDO, DAVID. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Nova Cultural. 1817.

SILVA, M. L. da *et al.* Análise da competitividade do setor vinícola do Rio Grande do Sul. *Revista Qualitas*. v.17 n. 1, jan./mar. 2016.

SOARES, J. M.; LEÃO, P. C. de S. *A Vitivinicultura no Semiárido Brasileiro – Brasília, DF*: Embrapa Informação Tecnológica; Petrolina: Embrapa Semiárido, 2009.

SOARES, N. S.; SILVA, M. L. Competitividade brasileira no comércio internacional de produtos extrativos vegetais. *Econ. NE*, Fortaleza, n. 4, v. 44, p. 879-893, out./dez. 2013.

XAVIER, L. F. *Exportações entre Brasil e China: uma análise sobre o aproveitamento de oportunidades comerciais*. Recife: UFPE, 2013.

ZUZA, J. V. C. F. A política econômica regional do Vale do São Francisco: uma busca do desenvolvimento do interior brasileiro. *Revista Estudos Sociais*, Mato Grosso, ano 10, n. 20, v. 2. 2008.